

Em Comunidade em Movimento

BOLETIM INFORMATIVO DA PARÓQUIA DE SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS

Director: Pe. Frei Ricardo Rainho, O. Carm. -- ANO IX - II Série -- Nº. 72 -- Junho de 2003

JUBILEU EPISCOPAL DO SENHOR CARDEAL PATRIARCA 1978 - 2003



"Desejaria que a Diocese me acompanhasse em Peregrinação a Fátima, no Dia Da Igreja Diocesana, colocando sob a protecção de Maria a nossa Diocese e todo o trabalho Pastoral"

(Cardeal Patriarca,
Apresentação do Calendário Diocesano 2002-2003)

"O Jubileu episcopal do Senhor Patriarca é ocasião única para a diocese, em união estreita com o seu bispo, dar glória a Deus pelo dom do sacerdócio."

A graça do sacramento recebido pelo senhor D. José Policarpo é para toda a Igreja. Mas a Diocese de Lisboa tem sido beneficiada de forma privilegiada com o fecundo ministério pastoral do Senhor D. José, primeiro como bispo auxiliar e agora como Patriarca. Por isso a Diocese de Lisboa não é apenas espectadora do seu Patriarca em júbilo de acção de graças, este jubileu não é só dele. A Diocese de Lisboa está em júbilo e exprime-o em acção de graças, porque a graça do episcopado conferida a um de seus filhos foi dom feito a ela."

P. Francisco Tito, apresentação do Dia da Igreja Diocesana

A nossa Paróquia saúda o seu Bispo no seu Jubileu Episcopal e une-se a ele na Peregrinação a Fátima no dia 15 de Junho - partida da Igreja às 7h00 - e também no dia 29 de Junho às 16h00, Mosteiro dos Jerónimos, ordenação de Presbíteros e Diáconos.

FESTAS DE SANTO ANTÓNIO

Programa

12 de JUNHO - Início das Festas

✠ 18:30h - Eucaristia

✠ 19:30h - Abertura do ARRAIAL

13 de JUNHO - SOLENIDADE DE SANTO ANTÓNIO
Padroeiro da Paróquia

✠ 18:30h - Procissão Solene - Entre a Escola Primária da Flamengo e a Igreja

Percursos: Concentração junto à Escola Primária da Flamengo, Av.º João Branco Nuncio, Rotunda de Santo António dos Cavaleiros, Rua de Santo António, Av.º Infante D. Pedro, Av.º Marquês de Marialva, Av.º Francisco Pinto Pacheco, Igreja Paroquial.

✠ 19:30h - Eucaristia Solene

✠ 20:30h - Abertura do ARRAIAL

14 de JUNHO

✠ 18:30h - Eucaristia - Celebração do Sacramento da Confirmação

Preside o Bispo Auxiliar de Lisboa, D. José Alves

✠ 20:00h - Abertura do ARRAIAL

ENCERRAMENTO DA CATEQUESE

Estamos no mês de Junho. Festejamos os Santos Populares. Já estamos perto das férias. Aproxima-se a Festa do Encerramento da Catequese que será no próximo dia 22 de Junho.

Este ano, vamos celebrar este dia em conjunto com todas as Paróquias da Vigararia de Loures. Será na Casa do Gaiato, Santo Antão do Tojal.

Do programa, salientamos:

13h30 - Concentração junto à Igreja

- Partida para a Casa do Gaiato

- Tarde de Convívio

18h00 - Eucaristia

19h00 - Regresso a Santo António dos Cavaleiros

Durante este dia, procuraremos conviver de forma saudável e amigável. Apareçam e tragam a vossa alegria que nasce do facto de serem amigos de Jesus. Todos estão convidados: as crianças, os seus pais e restante família.

Faz-te ao largo!...

À tua palavra, lançarei as redes! (cf. Lc 5, 4s)

PEREGRINAÇÃO A PÉ A FÁTIMA

Eram 06h30m da manhã
Fizemos a nossa 1.ª Oração
Aí, vimos que todos os rostos
Iam cheios de devoção.

Na hora da partida
Um pouco de chuva caía
E lá fomos caminhando sempre
Com bom tempo até à Cova de Iria.

Fomos por caminhos verdejantes
Até chegar ao Tojal
Aí, ao 1.º pequeno-almoço
Com todos sorridentes, ninguém se
sentia mal.

Lá no fim de Vialonga
Bem perto da auto-estrada
Já havia pés cheios de bolhas, mas
Ainda tudo caminhava.

O nosso 1.º almoço
Foi à beira da estrada
A ver o Tejo e o passar do comboio
Sentados numa bancada.

De Vila Franca à Azambuja
Foi o caminho mais longo do 1.º dia
Ficámos bem instalados, banho quente
e bom jantar
Toda a gente dormia.

No nosso 2.º dia
Parámos junto a um chaparral
Enquanto chegava o almoço
Tivemos missa campal.

O Senhor Padre celebrou a missa
Debaixo de uma azinheira
Para lembrar os pastorinhos
Quando lhes apareceu a Padroeira.

Havia pinheiros e rosmaninho
Rosas silvestres e giesta
Quando chegou o almoço
Tudo era uma festa.

Dali partimos
Em direcção ao Cartaxo
Quando procurávamos: "Falta muito?"
Respondiam: "Calma, é ali mais a bai-
xo".

E lá fomos caminhando
Rumo aos bombeiros de Santarém
Todos muito cansados
Mas todos chegaram bem.

No salão dos bombeiros
Ao deitar, ouve muita gargalhada
Pela noite dentro
Muita gente ressonava.

As bermas eram estreitas
Tínhamos de seguir no "risco contínuo"
Os carros vinham de frente
Até ao próximo destino.

O nosso 3.º almoço foi em Pernes
No largo dos bombeiros surge um
acidente
O senhor foi para o hospital
E os peregrinos caminharam em frente.

O Senhor Padre por volta das 5 horas
No campo, perto duma seara a Missa
celebrou
Quando estávamos a meio
O senhor que estava doente regressou.

Dai partimos todos mais animados
Rumo aos bombeiros de Alcanena
Saimos ainda cedo, não deu para ver
Se a terra era grande ou pequena.

Nesse dia era linda a paisagem
Muita aveia, centeio e trigo quase dou-
rado
Também se via
Muito terreno lavrado.

E, lá vamos subindo, até que...
Chegámos ao cimo da serra
Como o mês de Maio é lindo
E é tão linda a Primavera.

Os quilómetros é que eram grandes
O dobro dos da minha terra
Quando diziam que era 5, faltavam 10
Pois nós bem sabíamos, o quanto nos
doía os pés.

Às nossas grandes equipas de apoio
De quem ainda não falei
Por mais anos que eu viva
Nunca vos esquecerei.

Uma simples garrafa de água
Quando estendida à nossa mão
Dava para nos dar força
E, como tendes bom coração.

Tanto lava pés, tanto bem fazer
Tanta massagem, tanta bolha cozer
Ao serviço do outro
Sem nada receber.

Na última caminhada
5 km cantando e rezando
Tantos amigos nos foram dar apoio
E todos fomos caminhando.

Ao pisar o Santuário
Ouve tantas emoções
Mas, de onde veio tanto bem estar
Foi dentro dos nossos corações.

A minha colega procurava:
"Sentes o que eu estou sentindo?"
Eu não esperava
Que tudo fosse tão lindo.

O rosto do Senhor Padre Ricardo
Transmitia muita alegria
Ao conduzir os peregrinos
Junto da Virgem Maria.

Levaram-nos até ao Beato Nuno
Onde nada nos faltou
A presença do Senhor Padre Monteiro
Que a todos saudou.

Na procissão das velas
Vi nos jovens muita alegria
E como erguiam a vela
Quando cantavam "Avé Maria".

**Um bem-haja por tudo
E que a Nossa Senhora de Fátima
A todos proteja.**

Da vossa amiga Piedade Dias
Santo António dos Cavaleiros
04-05-2003

AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA – CIDADÃOS DE PLENO DIREITO - Nota Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa
(Continuação da página sete)

SAUDAÇÃO FINAL

11 – A terminar, dirigimo-nos a todas as pessoas com deficiência a quem saudamos com afecto, em nome de Jesus Cristo, o Amigo dos homens que sempre manifestou especial predilecção pelos pobres e pelos doentes, a quem acolhia com ternura e sarava com amor. Olhamos com admiração para aqueles que, assumindo a sua condição com serenidade e com esperança, se esforçam por superar as dificuldades daí decorrentes e, com fortaleza de ânimo, irradiam paz e alegria à sua volta. Compartilhamos os sofrimentos, as penas e as preocupações de todos. Com S. Paulo, a todos exortamos a abraçar a cruz da vida, considerando-os amigos de Jesus Cristo e seus especiais colaboradores na obra da Redenção, conscientes de que, dessa forma, completam na sua carne o que falta à Paixão de Cristo, em favor de toda a humanidade sofredora (cf. Col 1,24).

Deixamos uma palavra de muito apreço a todos os médicos, técnicos de saúde, terapeutas, educadores e pessoal que trabalha em instituições especializadas, a quem estimulamos a prosseguir com generosidade e com esperança os esforços que desenvolvem para prevenir e tratar todo o tipo de deficiência, em ordem a promover uma sociedade onde todas as pessoas vejam respeitada a sua dignidade e gozem do estatuto a que têm direito.

Neste Ano do Rosário, especialmente dedicado a Maria, Senhora das Dores e Mãe da Esperança, voltamos para ela o nosso olhar de súplica, desejosos de aprender com ela a contemplar o rosto de Cristo, na humanidade sofredora, iluminados pela esperança de o ver glorioso na plenitude da vida.

Fátima, 8 de Maio de 2003

Ent-te ao largo!

A tua palavra, lançarei as redes! (cf. Lc 5, 4s)

"ANO DO ROSÁRIO"

Nota da Conferência Episcopal Portuguesa

1 – O Papa João Paulo II, no início do 25º aniversário do seu Pontificado e no horizonte da Missão da Igreja para o novo milénio, proclamou o "Ano do Rosário", a celebrar de Outubro de 2002 a Outubro de 2003.

Para esse efeito publicou a Carta Apostólica "O Rosário da Virgem Maria", apelando a redescobrir o Rosário como "tesouro" do Povo de Deus: *"Retomai confiadamente nas mãos o Terço do Rosário, fazendo a sua descoberta à luz da Escritura, de harmonia com a liturgia, no contexto da vida quotidiana"* (nº 43).

Nesse sentido, o Santo Padre desenvolve particularmente a dimensão cristológica desta oração, pela contemplação dos mistérios da vida do Salvador – o Rosto de Cristo – e pela experiência do seu amor, na companhia e na escola de sua Mãe Santíssima (cf nº 3).

Com esta iniciativa e confessando ser o Rosário a sua "oração predilecta", o Santo Padre situa-se na tradição do magistério pontifício, que vem recomendando e exaltando esta oração mariana e que tem em Leão XIII – O "Papa do Rosário" – uma particular expressão.

2 – Reunidos em Fátima, Santuário Mariano por excelência, onde a Virgem Maria pediu expressamente a recitação do Terço, e no início do mês de Maio, tradicionalmente dedicado a Nossa Senhora, nós, Bispos de Portugal, queremos manifestar mais uma vez o acolhimento solícito das orientações do Santo Padre. Como gestos significativos deste propósito, estamos a concretizar, no plano nacional, a oração do Terço na Capelinha das Aparições, presidida em alguns dias por Bispos e transmitida pela Rádio Renascença, e foi publicado pela Conferência Episcopal o opúsculo "O Rosário com João Paulo II". Além disso, múltiplas acções diocesanas, e outras, estão igualmente em curso.

3 – A Conferência Episcopal Portuguesa convida o povo cristão a continuar a viver intensamente o "Ano do Rosário", através das seguintes formas, entre outras: aprofundamento do sentido do Rosário, reflectindo sobre a Carta Apostólica; oração diária, pessoal ou comunitária; oração na família, nas paróquias, em movimentos associativos, em grupos de jovens e crianças. Propomos a Paz, a Família e as Vocações como intenções comuns à oração do Terço.

4 – Apelamos aos párocos, catequistas, dirigentes de movimentos e pais a que fomentem a recitação do Rosário, de forma criativa, enriquecida com atractivos simbólicos e práticos que favoreçam a sua compreensão e valorização (cf nº 42). Oxalá os que experimentam a alegria e a paz desta forma de oração se tornem missionários do Rosário, ajudando outros a descobri-lo. Aqueles que dizem que é difícil rezar experimentem rezar o Terço com simplicidade e amor, contemplando com Maria os mistérios de Jesus, o que Ele faz por nós para nos conduzir ao Pai. Que assim a Igreja se torne mais contemplativa, mais santa e mais missionária.

EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA, ALICERCE DA CONVIVÊNCIA SOCIAL NOTA PASTORAL

De: D. Manuel Pelino Domingues,
Presidente da Comissão Episcopal da Educação cristã

A Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) é a disciplina que, na escola do Estado, educa para os valores morais de inspiração cristã. Procura, desse modo, orientar os alunos para atitudes positivas e construtivas em relação à família, à escola e à sociedade. Conduz, também, a encontrar princípios e referências éticas que ajudem a definir um rumo para a existência.

Os valores morais que propõe são o alicerce da convivência social e o caminho para o desenvolvimento integral da pessoa: a igual dignidade de todo o ser humano, a solidariedade, a confiança e ajuda mútua, a boa relação, a liberdade responsável, a honestidade, o espírito de serviço e de colaboração, o voluntariado... Nos nossos dias, estes valores parecem, nalguns casos, dissolver-se. Na verdade, as notícias apresentam-nos constantemente casos de corrupção, de abuso, de violência, de manipulação, de engano... Colhemos o que semeamos. Por isso, para preparar o futuro, precisamos de cultivar a educação moral.

A EMRC é diferente da catequese. Não tem em vista, directamente, a adesão à fé. Oferece uma visão cristã do mundo e da vida, da pessoa e da sociedade, incentivando a assimilação de critérios morais e a consequente interpretação criteriosa dos acontecimentos. Permite a compreensão da nossa matriz cultural, em que muitos elementos e acontecimentos marcantes da vida social e da vida familiar, têm uma origem e conotação cristã - celebração dos ritmos cósmicos ou biológicos; tradições familiares; património de valores morais. Proporciona também o reconhecimento do nosso património artístico e literário, recheado de referências cristãs.

Uma escola atenta à formação integral não pode deixar de contar com esta vertente da educação. Não basta, de facto, transmitir conhecimentos. É fundamental orientar na boa relação, proporcionar uma construção interior autónoma, alicerçar uma personalidade com valores morais assumidos. A educação moral não pode estar à margem das outras disciplinas. A EMRC confere unidade ao projecto educativo, sistematiza o quadro de valores estruturantes e, em diálogo interdisciplinar, "fundamenta, potencia, desenvolve e completa a acção educativa da escola" (DGC 73).

É uma disciplina opcional. São os pais que a escolhem por direito próprio ou os candidatos, quando maiores de 16 anos. Uma grande percentagem faz esta opção porque encontra na EMRC um apoio para crescer como pessoa e como cidadão. Ao Estado pertence oferecer condições para que a escola possibilite a frequência desta disciplina.

No passado ano lectivo, reinou enorme confusão no primeiro ciclo do Ensino Básico devido a uma proposta impossível: colocar a EMRC na 26ª hora quando a carga horária semanal é de vinte e cinco horas. Se a escola funciona 25 horas e depois encerra, como e onde vai funcionar uma 26ª hora? A impraticabilidade da lei tornou impossível leccionar esta disciplina. Não podemos permitir que assim continue. Para mudar a situação é importante que os pais manifestem a sua vontade pela escolha desta disciplina. São os pais quem deve decidir sobre a orientação moral a dar aos filhos e não meia dúzia de iluminados que vêm pregar liberdade para a praça pública mas impedem, na prática, a liberdade de ensino. Não podemos deixar de exigir a viabilidade e a exequibilidade desta escolha. Só assim é que se verifica liberdade de ensino.

Santarém, 20 de Maio de 2003
Manuel Pelino Domingues
Presidente da Comissão Episcopal da Educação Cristã

Faz-te ao largo!

A tua palavra, lançarei as redes! (cf. Lc 5, 4s)

PARA OS MAIS NOVOS

OS SANTOS POPULARES

Como sabes, a época dos santos populares é de grandes festejos de rua (e não só).

Invocando o nome do santo que é o motivo da festa, ouve-se música, dança-se, comem-se febras e sardinhas com broa, bebe-se sangria... até se marcha!

Mas será que alguém conhece, realmente, quem foi o santo ou santa que dá nome à festa? Quando nasceu? Onde viveu? Por que motivo foi declarado santo ou santa? Que fez de extraordinário?

Um santo ou uma santa foi sempre alguém que viveu de forma extraordinária o amor a Deus e o amor ao próximo.

Se toda a gente procurasse imitar um bocadinho da vida de um santo o mundo seria festa o ano todo!

Descobre nesta "sopa de letras" as seguintes qualidades de um SANTO:

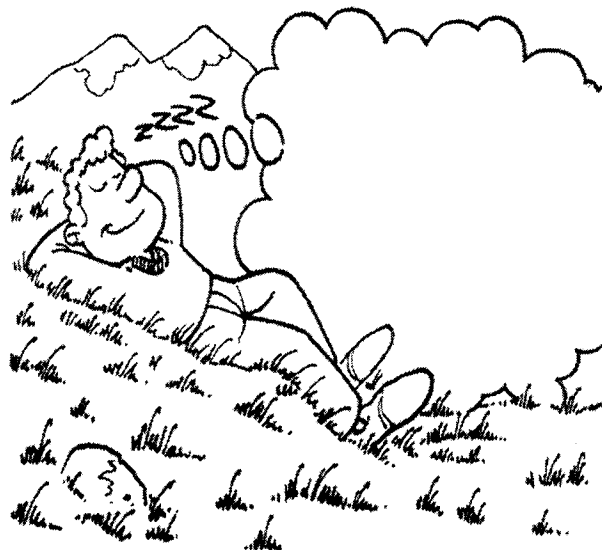


ALEGRIA
AMIZADE
CARIDADE
CORAGEM
DEVOÇÃO
FÉ
GENEROSIDADE
VERDADE

G	E	N	E	R	O	S	I	D	A	D	E	T
Q	C	A	S	D	F	H	F	J	K	L	C	Y
W	A	M	I	Z	A	D	E	G	J	G	V	H
E	R	C	V	B	G	J	S	E	O	C	E	N
R	I	B	N	D	E	V	O	Ç	Ã	O	R	F
T	D	A	S	D	F	H	C	I	A	R	D	H
Y	A	L	E	G	R	I	A	S	G	A	A	O
U	D	Z	X	C	V	B	N	N	M	G	D	I
I	E	Ç	K	H	F	D	T	U	L	E	E	S
O	P	R	O	H	J	K	B	E	H	M	G	A

VIVAM AS FÉRIAS!

PARA OS MAIS NOVOS



*Que estás a pensar
nas tuas férias?*

*Dormir? Ler? Jogar
com os amigos? Ir à praia?
Viajar?...*

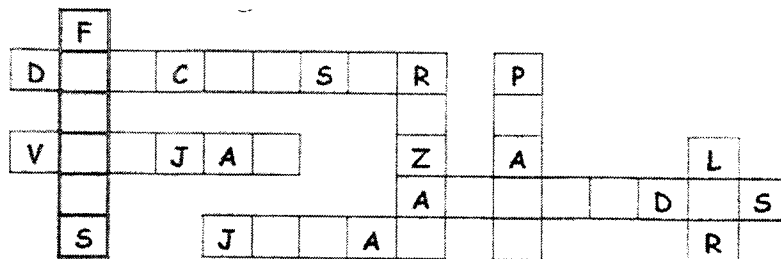
*Como pensas viver a
tua Fé e tua amizade com
Jesus?*

*Lembra-te que para
qualquer sítio que vás Ele te acompanha. Em cada terra há uma
igreja, uma capela, um lugar retirado para orar...*

*Nestas férias não faças "férias" da tua fé. Não permitas
que elas esvaziem o teu coração.*

*Os dias de verão são tão grandes que te permitem dedicar
um pouco do teu tempo a Jesus, sem deixar de fazer aquelas
outras coisas de que tanto gostas.*

QUE COISAS
SE PODEM
FAZER NAS FÉRIAS?



Boas férias!

Faz-te ao largo!

A tua palavra, lançarei as redes! (cf. Lc 5, 4s)

AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA - CIDADÃOS DE PLENO DIREITO

Nota Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa

INTRODUÇÃO

1 - A presença das pessoas com deficiência na sociedade humana é uma constante ao longo da história. O reconhecimento dos seus direitos e a sua inserção social tem sido um processo lento, dinamizado, na segunda metade do século passado, com algumas iniciativas de relevo, entre as quais sobressai a proclamação do ano 1981 como "Ano Internacional dos Deficientes", por parte da Assembleia Geral da ONU. As múltiplas iniciativas desencadeadas, no decorrer desse ano e daí em diante, pelas mais variadas instituições oficiais e particulares, civis e religiosas, muito contribuíram para dar a conhecer os problemas que afectam as pessoas com deficiência, para promover a publicação de legislação específica sobre questões relacionadas com a temática e para lançar novos programas de intervenção, no âmbito da família, da educação, do emprego e da inserção social.

O reconhecimento de avanços significativos nesta matéria é hoje consensual. Com efeito, criaram-se associações, organizaram-se congressos e jornadas, lançaram-se programas de acção. Os organismos internacionais emanaram recomendações. Os países publicaram novas leis. Editaram-se milhares de publicações, umas de carácter científico e outras de divulgação. A deficiência passou a ser um tema recorrente na comunicação social. Podemos dizer que foi muito o que se fez. Mas o que falta fazer é, sem dúvida, ainda muito mais.

Para ir de encontro à situação actual de carência, o Fórum Europeu declarou o corrente ano de 2003 como «Ano Europeu da Pessoa com Deficiência», com o objectivo de alertar a população da Europa para os problemas das pessoas com deficiência, tentando implementar as soluções mais adaptadas para cada tipo de deficiência e, na medida do possível, reduzir o número de deficientes, que ronda os dez por cento da população. No nosso país, de acordo com a Confederação Nacional dos Organismos de Deficientes, existem cerca de 250 mil deficientes sensoriais, 70 mil deficientes mentais, 150 mil deficientes motores e 140 mil deficientes orgânicos.

2 - Nós, Bispos de Portugal, acolhemos com agrado a decisão do Fórum Europeu. Estimulados pela caridade pastoral, inspirada na mensagem evangélica, apelamos aos fiéis católicos e a todos os homens e mulheres de boa vontade a que, pelos meios ao seu alcance, se empenhem na prevenção, recuperação e inserção social das pessoas com deficiência, tendo em conta que entre nós as causas da deficiência não têm sido combatidas eficazmente. (...)

A DIGNIDADE DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

3 - A dignidade da pessoa humana não resulta das capacidades que possui nem das funções que desempenha. Ela radica na própria natureza humana. Criada por Deus e redimida por Jesus Cristo, que assumiu a mesma natureza, a pessoa humana é dotada de uma dignidade original e única, inviolável e indivisa, que não se baseia na funcionalidade do seu organismo mas na essência da sua natureza.

Não é legítimo estabelecer distinção entre ser humano e pessoa humana e, muito menos, quando com tal distinção se pretende negar àquele a dignidade de que esta está revestida. Todo o ser humano é pessoa e, por isso, todo o ser humano possui o mesmo fundamento para a sua dignidade (cf. GS 24), seja qual for o estado de desenvolvimento, a idade, a saúde, os conhecimentos adquiridos e as possibilidades de intervenção em sociedade.

Por sua vez, é correcta a distinção entre pessoa e personalidade. A qualidade de pessoa adquire-se de uma só vez, desde o início da vida. A personalidade forma-se ao longo de um processo contínuo de desenvolvimento das potencialidades interiores em interacção com o ambiente exterior. A dignidade original da pessoa precede a formação da personalidade e permanece inalterada em qualquer grau de desenvolvimento que se encontre a personalidade.

À luz destes princípios, podemos afirmar que a dignidade da pessoa com deficiência é idêntica à de qualquer outra pessoa, porque também ela foi criada à imagem e semelhança de Deus, porque é membro da mesma natureza humana assumida e redimida por Jesus Cristo, porque, quando inserida pelo Baptismo na comunidade dos crentes, o seu corpo, embora limitado na acção por alguma deficiência, torna-se membro do Corpo de Cristo (cf. 1Cor 6,15). Assim, a sua vida é tão sagrada como a vida de qualquer outra

pessoa.

DIREITOS E DEVERES DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

4 - A igual dignidade correspondem direitos iguais. A pessoa com deficiência possui os mesmos direitos fundamentais de qualquer outra pessoa. Em concreto, a pessoa com deficiência não pode ser recusado o direito à vida, à diferença e à expressão de si; o direito a ser amada, a ser reconhecida e a ser respeitada; o direito a receber a ajuda necessária à sua realização pessoal, à inserção na sociedade e à participação activa, em conformidade com as suas possibilidades.

Mas todo o sujeito de direitos é igualmente sujeito de deveres. E, por isso, a pessoa com deficiência não pode fixar-se na reivindicação dos seus direitos. Na medida das suas capacidades funcionais, ela está obrigada ao cumprimento dos seus deveres para com os outros indivíduos e para com a sociedade. É pelo exercício dos direitos e pelo cumprimento dos deveres que a pessoa com deficiência poderá fortalecer a sua auto-estima, promover a sua autonomia social e económica, libertando-se do assistencialismo que inferioriza e degrada.

Dentro das suas possibilidades, a pessoa com deficiência não pode ser recusado o direito nem escusado o dever de participar, directamente ou através dos seus representantes, sejam eles pessoas singulares ou instituições, na planificação, actuação, supervisão e avaliação das acções desenvolvidas pela sociedade e que lhe digam respeito.

A PESSOA COM DEFICIÊNCIA E A SOCIEDADE

5 - A pessoa com deficiência, como qualquer outro ser humano, tem o direito inato à plena inserção no tecido social, cultural e religioso. Porém, a concretização desse direito depende dos poderes públicos, que devem criar as condições necessárias, através de legislação apropriada e da disponibilização dos meios indispensáveis à concretização das normas legais.

Nas últimas décadas, a nível internacional não têm faltado declarações, normas e disposições legais sobre as pessoas com deficiência. E também no nosso país tem sido publicada abundante legislação sobre o assunto, indiciadora de uma nova mentalidade que auguramos se concretize em actos, afugentando o perigo de sermos um país de boas leis e más práticas porque as leis permanecem letra morta.

A esse propósito, convém lembrar aqui o princípio de que a sociedade existe por causa das pessoas e não as pessoas por causa da sociedade. Por isso, a sociedade não pode ser estruturada à margem das pessoas e dos seus condicionalismos. Felizmente, hoje em dia, na via pública, na sinalização de trânsito, nos meios de transporte, nos edifícios de utilização pública e noutros lugares, começam a notar-se sinais positivos de adaptação às limitações de vários tipos de deficiência. No entanto, persistem ainda barreiras arquitectónicas, sociais e culturais, tanto no sector público como no sector privado, que urge eliminar. Como ficou dito, já existe legislação sobre o assunto que importa aperfeiçoar e, acima de tudo, é fundamental que se criem as condições necessárias para que ela possa ser aplicada.

DA EXCLUSÃO À INCLUSÃO SOCIAL

6 - A nossa sociedade está marcada pelo fenómeno da exclusão social. As pessoas com deficiência continuam a engrossar o número dos excluídos. E, apesar de o combate à exclusão social ser hoje um tema recorrente, a sociedade inclusiva continua ainda a ser um ideal demasiado longínquo.

É urgente e indispensável que os avanços da ciência e da tecnologia e que os recursos materiais e humanos da sociedade sejam canalizados para este objectivo superior, nas diferentes áreas da vida social e política.

Na área da saúde, tanto o diagnóstico como a terapêutica de muitas das deficiências humanas conheceram avanços notáveis, propiciadores da prevenção, da cura ou da melhoria das condições de vida. Esperamos que, dentro em breve, esses meios possam ser disponibilizados para todos os que deles precisam. Sem isso, de pouco adiantará a sua existência.

(Continua na Página Sete)

Faz-te ao largo!

A tua palavra, lançarei as redes! (cf. Lc 5, 4s)

AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA – CIDADÃOS DE PLENO DIREITO - Nota Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa
(Continuação da página seis)

No âmbito da educação, o analfabetismo, a ileteracia e o abandono escolar continuam a ser factores de exclusão. As causas que estão na sua origem são múltiplas. Os inúmeros tipos de deficiência que afectam a população infantil e juvenil são, sem dúvida, uma das causas principais que importa combater. O ensino especial ministrado em instituições especializadas, como no caso dos invisíveis e dos surdos-mudos, ou em turmas para alunos com dificuldades de aprendizagem, tem mérito e continua a ser um processo indispensável em muitos casos, mas não está isento de perigos. Também ele segrega e rotula. Também ele abre a porta à exclusão social.

Em alternativa, advoga-se hoje o acesso à educação inclusiva, que permita aos alunos com deficiência, dentro dos limites das suas possibilidades, frequentar os estabelecimentos de ensino regular, seja ele público, privado ou cooperativo. E pensamos que seria uma boa forma de dar visibilidade aos milhares de cidadãos "invisíveis", circunscritos aos espaços institucionais e de ensinar os outros alunos a conviver com a diferença.

É claro que esse modelo tem custos acrescidos que o Estado, no respeito pela igualdade de direitos das pessoas com deficiência e na assumpção do seu dever de cooperar com as famílias na educação dos filhos, deve suportar, tornando possível a adaptação ergonómica das escolas, a formação especializada dos professores, a disponibilidade de material didáctico e outros apoios complementares.

A inclusão social passa também pelo desempenho de uma actividade profissional, como garantia de autonomia económica e meio de realização pessoal. Porém, o acesso ao patamar profissional tem dificuldades acrescidas que só poderão ser ultrapassadas quando, após a conveniente formação escolar e profissional, lhe forem franqueadas as portas do ambiente laboral, tanto nos organismos estatais como nas instituições e empresas de carácter privado.

Os custos decorrentes da formação profissional e da inserção no mundo trabalho das pessoas com deficiência correspondem à factura que tanto o Estado como as entidades privadas devem pagar pela construção de uma sociedade humanizada. O preço pago pelos deficientes define o nível de humanização atingido por qualquer sociedade.

7 – A humanização da sociedade não passa apenas pela dimensão económica. Antes de mais, ela exige que se desenvolva um saudável esforço por erradicar o nefasto fenómeno da discriminação social, tanto por uma adequada formação ao longo do processo educativo como implementando outros meios, tais como: uma criteriosa revisão e efectiva aplicação das leis vigentes; aposta na investigação científica que optimize a prevenção, a terapia e a redução das sequelas dos muitos tipos e graus de deficiência; supressão das barreiras arquitectónicas que limitam a liberdade de movimentos e de acesso a serviços de capital importância na vida quotidiana, como sejam habitações, escolas, hospitais, repartições públicas, igrejas, lugares de trabalho, espaços de lazer e tantos outros; revisão do sistema de segurança social e serviços de apoio; combate sistemático à violência e todo o tipo de abusos que vitimizam a pessoa com deficiência; criação de condições que reduzam e, na medida do possível, eliminem os acidentes de trabalho e a sinistralidade nas estradas que, infelizmente, continuam a contribuir significativamente para aumentar o número de pessoas afectadas por múltiplas deficiências.

A PESSOA COM DEFICIÊNCIA E A FAMÍLIA

8 – A pessoa com deficiência tem direito a viver em família e a constituir família, se para tal estiver capacitada. Com efeito, é na família que ela pode encontrar o ambiente natural e mais adequado ao seu pleno desenvolvimento e auto-realização.

Por isso, todas as estratégias de tratamento e apoio às pessoas com deficiência deverão ser delineadas tendo em conta a família. Por sua vez, também a família merece ser acompanhada e apoiada. Em primeiro lugar, no momento crítico em que descobre a deficiência de um filho, seja antes ou depois do nascimento, para a ajudar a ultrapassar o choque traumático provocado pela frieza implacável do diagnóstico. Em segundo lugar, ao longo da vida, para que possa educar e promover socialmente o filho que Deus lhe concedeu. E, a esse propósito, queremos deixar aqui bem expresso um sinal do nosso muito apreço por todas as famílias que, com amor e fortaleza de ânimo, aceitam os filhos deficientes ou se dispõem a adotar crianças com alguma insuficiência física ou mental.

O modelo familiar também é fonte de inspiração e de sucessos terapêuticos para as instituições que cuidam das pessoas com deficiência. Quando se alia a competência profissional com a dedicação sincera e o carinho respeitoso, permitindo aos residentes satisfazer as necessidades básicas de amor e amizade, em conformidade com a sua inalienável dignidade moral, os resultados terapêuticos aumentam qualitativamente.

Felizmente, a dedicação e o carinho estão patentes em muitas instituições cujos técnicos e funcionários sabem juntar ao profissionalismo a mais-valia da humanização. Com efeito, a par da protecção contra todo o tipo de promiscuidade e exploração, importa promover uma saudável integração da afectividade propiciadora de um desenvolvimento equilibrado.

A IGREJA E A PESSOA COM DEFICIÊNCIA

9 – A Igreja tem uma longa história de auxílio às pessoas com deficiência. Inspirada no seu divino Fundador, que manifestou uma especial predilecção por toda a espécie de doentes e deficientes a quem acolhia com amor e curava dos seus males, aliou a atitude profética de denúncia das injustiças de que eram vítimas as pessoas com deficiência com a prática da misericórdia em favor das mesmas, promovendo a criação de instituições de educação, de assistência social e de saúde para atender os mais carenciados. Presentemente, na Europa existem mais de trinta mil instituições da Igreja que se dedicam a cuidar dos doentes e de toda a espécie de deficientes. Entre nós, além da Ordem Hospitalreira, que tem a seu cargo mais de metade das camas de psiquiatria, merecem especial referência as Congregações Religiosas e outras instituições particularmente dedicadas a cuidar de crianças, jovens e adultos afectados pelos vários tipos de deficiência.

Iluminada pela palavra do Evangelho e dinamizada pela força do Espírito, a Igreja, consciente de que a obra da evangelização passa pelo «anúncio da Boa Nova aos pobres, a libertação aos cativos e a alegria aos que sofrem» (Lc 4,18), continua ainda hoje, pelas formas mais variadas, a dedicar-se às crianças, jovens e adultos, afectados por diferentes tipos de deficiência. Com efeito, as pessoas com deficiência, com os seus limites, insuficiências e sofrimentos, oferecem aos cristãos múltiplas oportunidades de exercitarem o mandamento novo do amor, tanto pela acção individual como pela intervenção comunitária.

10 – Na sequência do que fica dito e reafirmando o que propusemos na nossa Nota Pastoral, de 19.05.81, recomendamos mais uma vez às comunidades paroquiais, aos movimentos e obras eclesiais que, ao organizarem as suas celebrações litúrgicas e actividades pastorais, tenham em conta as pessoas com deficiência. Trata-se de irmãos nossos que merecem especial carinho, precisam de acolhimento apropriado e têm direito ao conforto que lhes vem de Deus, através da participação activa nas celebrações litúrgicas e da admissão aos sacramentos de iniciação cristã, na medida das suas possibilidades e em conformidade com as normas da Igreja.

No âmbito da catequese, são de louvar as experiências inovadoras e bem sucedidas que esperamos sirvam de estímulo aos responsáveis nacionais e locais para a produção de material pedagógico de apoio, que possa ajudar os pais e catequistas que têm crianças com alguma deficiência nos seus grupos.

O reservatório de humanidade e de graça constituído pelo sofrimento poderá ser alimentado pelas pessoas com deficiência, se tiverem quem as ajude a viver as suas limitações em união com Cristo, evangelizando o próprio sofrimento e ajudando a evangelizar o sofrimento dos outros, como forma de realização pessoal no testemunho de vida.

Na esteira da Igreja, que ao longo dos tempos afirmou a sua presença neste sector, todos somos hoje chamados a olhar para as pessoas com deficiência e, particularmente, para os excluídos da sociedade, os sem abrigo, os doentes crónicos e incuráveis, carecidos de acolhimento, apoio e reinserção social. Eles constituem um campo aberto ao exercício da nova "fantasia da caridade", por parte dos indivíduos, dos grupos e das instituições eclesiais.

Por último, fazemos um apelo às escolas católicas para que, deixando-se guiar pelo ideal evangélico que orienta o seu projecto pedagógico e na medida em que o Estado assuma neste âmbito as responsabilidades que legalmente lhe competem, se abram à educação inclusiva.

(Conclui na página dois)

Faz-te ao largo!

A tua palavra, lançarei as redes! (cf. Lc 5, 4s)

LITURGIA DA PALAVRA

1 de Junho - VIGILÂNCIA DO DOMINGO DA QUARESMA - S. ANTONIO DE LISBOA

"Por entre aclamações e ao som da trombeta, ergue-Se Deus, o Senhor"
 "Ide e ensinai todos os povos, diz o Senhor."
 Eu estou sempre convosco até ao fim dos tempos."

1ª Leitura: Act 1, 1 - 11 Sl: 46 2ª Leitura: Ef 1, 17 - 23 Evangelho: Mc 16, 15 - 20

7 de Junho - VIGILIA DE PENTECOSTES - Sábado à tarde

"Mandai, Senhor, o Vosso Espírito e renovai a terra"
 "Vinde Espírito Santo, enchei os corações dos Vossos fiéis
 e acendei neles o fogo do Vosso amor."

1ª Leitura: Gen 11, 1 - 9 Sl: 103 2ª Leitura: Rom 8, 22 - 27 Evangelho: Jo 7, 37 - 39

13 de Junho - DOMINGO DE TRINIDADE - S. ANTONIO DE LISBOA

"Mandai, Senhor, o Vosso Espírito e renovai a terra."
 "Vinde Espírito Santo, enchei os corações dos Vossos fiéis
 e acendei neles o fogo do Vosso amor."

1ª Leitura: Act 2, 1 - 11 - 14 Sl: 103 2ª Leitura: 1 Cor 12, 3 - 7, 12 - 13 Evangelho: Jo 20, 19 - 23

13 de Junho - S. ANTONIO DE LISBOA, Presbítero e Doutor da Igreja, Padroeiro de Santo António dos Cavaleiros - Festa

"Os juízos do Senhor são verdadeiros e rectos."
 "Brilhe a vossa luz diante dos homens, para que, vendo as vossas
 boas obras, glorifiquem o vosso Pai que está nos Céus."

1ª Leitura: Eccl 39, 8 - 14 Sl: 18 Evangelho: Mt 5, 13 - 19

15 de Junho - SANTÍSSIMA TRINDADE - Solenidade

"Feliz o povo que o Senhor escolheu para sua herança!"
 "Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo,
 ao Deus que é, que era e há-de vir."

1ª Leitura: Deut 4, 32 - 34, 39 - 40 Sl: 32 2ª Leitura: Rom 8, 14 - 17 Evangelho: Mc 28, 16 - 20

19 de Junho - SANTÍSSIMO CORPO E SANGUE DE CRISTO - Solenidade

"Tomarei o cálice da salvação e invocarei o nome do Senhor."
 "Eu sou o pão vivo descido do Céu, diz o Senhor.
 Quem comer deste pão viverá eternamente."

1ª Leitura: Ex 24, 3 - 8 Sl: 115 2ª Leitura: Hebr 9, 11 - 15 Evangelho: Mc 14, 12 - 16, 22 - 26

22 de Junho - DOMINGO DO CORPO DE CRISTO - S. ANTONIO DE LISBOA

"Dai graças ao Senhor, porque é eterna a Sua misericórdia."
 "Apareceu entre nós um grande profeta:
 Deus visitou o seu povo"

1ª Leitura: Job 38, 1 - 8 - 11 Sl: 106 2ª Leitura: 2 Cor 5, 14 - 17 Evangelho: Mc 4, 35 - 41

24 de Junho - NACIMENTO DE S. JOÃO BAPTISTA - Solenidade

"Eu vos dou graças, Senhor, porque maravilhosamente me criastes."
 "Tu, menino, serás chamado profeta do Altíssimo,
 irás à frente do Senhor a preparar os seus caminhos."

1ª Leitura: Is 49, 1 - 6 Sl: 138 2ª Leitura: Act 13, 22 - 26 Evangelho: Lc 1, 57 - 66, 80

27 de Junho - SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS - Solenidade

"Ireis com alegria às fontes de salvação."
 "Tomai o meu jugo sobre vós, diz o Senhor,
 e aprendei de Mim, que sou manso e humilde coração."

1ª Leitura: Os 11, 1 - 3 - 4 - 8 - 9 Sl: 12, 2 - 6 2ª Leitura: Ef 3, 8 - 12, 14 - 19 Evangelho: Jo 19, 31 - 37

29 de Junho - XII DOMINGO DO TEMPO COMUM

SS. PEDRO E PAULO, APOSTÓLOS - Solenidade

"A sua mensagem ressoou por toda a terra."
 "Senhor, que sabeis tudo,
 bem sabeis que Vos amo"

1ª Leitura: Act 12, 1 - 11 Sl: 33 2ª Leitura: 2 Tim, 4, 6 - 8, 17 - 18 Evangelho: Mt 16, 13 - 19

JUNHO

3 - Terça-feira

Reunião de Vigários

4 - Quarta-feira

Formação Cristã para Adultos (21,30 h)

5 - Quinta-feira

Reflexão sobre a Liturgia da Palavra de Domingo (19,15 h)
 Ultraia dos Conselhos de Cristandade (21,30 h)

6 - Sexta-feira

Adoração do Santíssimo (21,30 h)

10 - Terça-feira

Convívio de Catequistas
 Centro de Preparação para o Baptismo (21,15 h)

12 - Quinta-feira

Início das Festas em Honra de Santo António
 Eucaristia - (18,30 h)
 Abertura do Arraial - (19,30 h)

13 - Sexta-feira

Stº. António - Solenidade - Festa
 Às 18,30 h - Procissão
 Às 19,30 h - Eucaristia Solene

Festas em Honra de Stº. António

14 - Sábado

Eucaristia (18,30 h)
 Celebração do Sacramento da Confirmação
 Festas em Honra de Santo António

17 - Terça-feira

Centro de Preparação para o Baptismo (21,15 h)

18 - Quarta-feira

Formação Cristã para Adultos (21,30 h)

19 - Quinta-feira

Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo

20 - Sexta-feira

CPM (21,30 h)

21 - Sábado

Reun. da Conf. de N.º S.º. do Carmo (17,00 h)
 CPM (21,30 h)

26 - Quinta-feira

Reflexão sobre a Liturgia da Palavra de Domingo (19,15 h)
 Ultraia dos Conselhos de Cristandade (21,30 h)

28 - Sábado

Encerramento das Actividades do CNE
 CPM (21,30 h)

29 - Domingo

29 - Domingo

Comunidade em Movimento. SUGERE-TE

Coordenação: Frei Fernando Araújo, Abílio Casaleiro, Agnelo Noronha, Altamiro Figueira, Dimas Pedrinho, Sónia Ferreira.

Colaboradores Permanentes: Artur Morão, Luis Figueiredo, Manuel Carvalho, Rosa Chumo

Impressão: Barata & Paula, Lda Tiragem: 1000 Exemplares

Propriedade: FÁBRICA DA IGREJA PAROQUIAL DE STO. ANTONIO DOS CAVALEIROS - Av. Francisco Pacheco - 2671 - 801 SANTO ANTONIO DOS CAVALEIROS - Tel. 219 884 366

INTERNET: - www.paroquia-sac.web.pt

EMAIL: paroquia.sac@mail.pt

EMAIL: comunidade.movimento@mail.pt

Faz-te ao largo!

A tua palavra, lançarei as redes! (cf. Lc 5, 4s)